

GELO ARDENTE

**CLIVE
CUSSLER**
& PAUL KEMPRECOS



Prólogo

ODESSA, RÚSSIA, 1918

O NEVOEIRO DENSO AVANÇOU SOBRE O PORTO AO FIM DA TARDE, IMPELIDO por uma mudança súbita na direcção do vento. O vapor cinzento e húmido atingiu os cais de pedra, enrolando-se sobre os degraus de Odessa e trazendo um anoitecer prematuro ao movimentado porto do Mar Negro. Barcos de carga e passageiros cancelaram as suas viagens, reduzindo dúzias de marinheiros ao ócio. Enquanto o capitão Anatoly Tovrov tacteava para abrir caminho entre a neblina gélida que cobria a costa, conseguia ouvir gargalhadas embriagadas provenientes de bares sórdidos e bordéis apinhados. Passou além do principal amontoado de bares, virou para um beco e abriu uma porta sem qualquer identificação. Sentiu as narinas invadidas por um ar que o cheiro a tabaco e vodka tornava pesado. Um homem corpulento sentado a uma mesa de canto chamou-o com um gesto.

Alexei Federoff era o responsável pela alfândega de Odessa. Quando o capitão estava em terra, tinha por hábito encontrar-se com Federoff na taberna discreta frequentada sobretudo por marinheiros reformados, onde a vodka era barata e raramente letal. O burocrata satisfazia, sem amizade, a necessidade de companhia humana do capitão. Tovrov fazia uma viagem solitária desde que a mulher e a filha tinham perecido anos antes num dos surtos de violência repentinos e sem sentido que afligiam a Rússia.

Federoff parecia estranhamente passivo. Habitualmente, era um homem efusivo que costumava acusar o empregado em tom jocoso de cobrar dinheiro a mais, mas pediu uma rodada limitando-se a erguer dois dedos. De forma ainda mais surpreendente, o frugal funcionário da alfândega pagou as bebidas. Manteve a voz baixa, cofiando nervosamente a ponta da pequena barba negra e olhando com apreensão as outras mesas, onde ma-

rinheiros calejados se curvavam sobre os copos. Satisfeito por comprovar que a conversa era privada, ergueu o copo e brindaram.

— Meu caro capitão — disse. — Lamento dispor de pouco tempo, por isso sou obrigado a ir directamente ao assunto. Gostaria que levasse um grupo de passageiros e uma carga reduzida até Constantinopla, sem fazer perguntas.

— Sabia que algo se passava quando me pagou a bebida — respondeu o capitão com a sua habitual rispidez.

Federoff riu-se. Sempre se sentira intrigado pela honestidade do capitão, mesmo que não conseguisse compreendê-la. — Nós, os pobres funcionários públicos, temos de subsistir com a ninharia que nos pagam.

O capitão esboçou um sorriso nos lábios finos enquanto olhava a barriga dilatada que forçava os botões do caro colete francês de Federoff. O funcionário da alfândega queixava-se com frequência do seu trabalho. Tovrov ouvia com bonomia. Sabia que tinha contactos poderosos em São Petersburgo e que passava os dias a solicitar subornos a armadores para “acalmar os mares” da burocracia, como gostava de referir.

— Conhece o meu navio — disse Tovrov, encolhendo os ombros. — Não será propriamente um pacote de luxo.

— Não importa. Servirá na perfeição para satisfazer as nossas necessidades.

O capitão pensou durante um momento, questionando-se sobre o motivo que levaria alguém a querer viajar num velho navio carvoeiro quando existiam alternativas mais apelativas à disposição. Federoff interpretou a hesitação como o início de uma discussão sobre o pagamento. Levando a mão ao bolso do peito, retirou um grosso envelope e colocou-o sobre a mesa. Abriu-o ligeiramente para que o capitão conseguisse ver que continha milhares de rublos.

— Seria bem compensado.

Tovrov engoliu em seco. Com dedos trémulos, tirou um cigarro do maço e acendeu-o. — Não compreendo — disse.

Federoff notou-lhe o espanto. — O que sabe a respeito da situação política do nosso país?

O capitão recorria a rumores e jornais desactualizados para se manter informado. — Sou um simples marinheiro — respondeu. — Raramente piso solo russo.

— Mesmo assim, é um homem de vasta experiência prática. Peça-lhe que seja franco, meu amigo. Sempre valorizei a sua opinião.

Tovrov ponderou sobre aquilo que sabia acerca das atribulações da Rússia e recorreu a uma metáfora náutica. — Se um navio estivesse no mesmo estado em que se encontra o nosso país, surpreender-me-ia que não estivesse no fundo do mar.

— Sempre admirei a sua franqueza — tornou Federoff com uma gargalhada sonora. — Parece que também é dotado para construir metáforas. — A seriedade regressou. — A resposta que me deu é adequada. A Rússia encontra-se realmente num estado perigoso. Os nossos jovens morrem na Grande Guerra, o czar abdicou, os bolcheviques assumem o poder de forma implacável, os alemães ocupam o nosso flanco meridional e pedimos a outras nações que venham tirar as nossas castanhas do lume.

— Não fazia ideia de que as coisas eram assim tão más.

— E pioram, se conseguir acreditar. O que me traz de volta a si e ao seu navio. — Federoff fitou o capitão nos olhos. — Nós, os patriotas leais de Odessa, estamos encurralados contra o mar. O exército branco mantém as suas posições, mas os vermelhos pressionam a partir do norte e não tardarão a levar a melhor. Os dezasseis quilómetros da zona ocupada pelo exército alemão dissolver-se-ão como açúcar em água. Ao aceitar transportar estes passageiros, prestará um grande serviço à Rússia.

O capitão considerava-se um cidadão do mundo, mas, no fundo, não era diferente dos seus compatriotas, com a sua profunda devoção à pátria. Sabia que os bolcheviques prendiam e executavam os membros das forças inimigas e que muitos refugiados tinham fugido para sul. Conversara com outros capitães, que contaram, em surdina, relatos de passageiros importantes transportados pela calada da noite.

O espaço para transportar passageiros não seria problema. O navio encontrava-se praticamente vazio. O *Estrela de Odessa* era a última escolha para os marinheiros que procurassem trabalho. Cheirava a combustível derramado, a metal enferrujado e a carga de baixa qualidade. Os marinheiros descreviam o odor como sendo o fedor da morte e evitavam o navio como se estivesse contaminado pela peste. A tripulação era constituída sobretudo por miseráveis que nenhum outro navio receberia. Tovrov poderia transferir o imediato para os seus aposentos, libertando as cabanas dos oficiais para receber passageiros. Olhou o envelope grosso. O dinheiro significaria a diferença entre morrer num lar para velhos marinheiros e a reforma numa cabana confortável junto ao mar.

— Partimos dentro de três dias com a maré da noite — disse.

— É um verdadeiro patriota — considerou Federoff, com os olhos brilhantes de lágrimas. Empurrou o envelope sobre a mesa. — Isto é metade. Pagarei o resto quando os passageiros chegarem.

O capitão guardou o dinheiro no bolso do casaco, onde lhe pareceu que irradiava calor. — Quantos passageiros serão?

Federoff olhou os dois marinheiros que entraram no bar e se sentaram a uma mesa. Baixou a voz. — Cerca de uma dúzia. Há dinheiro a mais no envelope para comprar comida. Faça as compras em mercados diferentes

para evitar suspeitas. Preciso de ir. — Ergueu-se da cadeira e, numa voz suficientemente sonora para que todos ouvissem, disse num tom severo: — Muito bem, meu caro capitão, espero que compreenda melhor as nossas normas alfandegárias! Tenha um bom dia.

Na tarde que antecedeu a partida, Federoff veio a bordo para informar o capitão de que não havia alterações nos planos. Os passageiros deveriam chegar já noite cerrada. Apenas o capitão deveria estar no convés. Pouco depois da meia-noite, enquanto Tovrov percorria sozinho o convés enevoadado, ouviu um veículo travar ao fundo da escada do portaló. Pelo ruído gutural do motor, calculou que fosse um camião. O motor e os faróis foram desligados. Portas abriram-se e fecharam-se e ouviu-se um murmúrio de vozes e o arrastar de botas sobre o chão de pedra

Uma figura alta usando um capuz subiu a escada, alcançando o convés e aproximando-se do capitão. Tovrov sentiu que uns olhos velados fitavam os seus. A seguir, uma voz masculina grave falou das trevas, sob o capuz.

— Onde são os aposentos dos passageiros?

— Vou mostrar-lhe — respondeu Tovrov.

— Não. Diga-me.

— Muito bem. As cabinas ficam na ponte, no convés superior. A escada é ali.

— Onde está a sua tripulação?

— Estão todos nos beliches.

— Certifique-se de que ficam aí. Espere aqui.

O homem avançou em silêncio até à escada e subiu para as cabinas dos oficiais no convés por baixo da casa do leme. Minutos mais tarde, regressou da sua inspeção. — Melhor do que um estábulo, mas não muito — disse. — Vamos subir a bordo. Mantenha-se fora do caminho. Ali. — Apontou a proa e desceu para o cais.

Tovrov não gostou de receber ordens no seu navio, mas a lembrança do dinheiro guardado no cofre da sua cabina suavizou-lhe os ânimos. E era suficientemente sensato para não discutir com um homem cuja cabeça se erguia acima da sua. Colocou-se na proa como lhe fora instruído que fizesse.

O grupo reunido no cais subiu ao navio. Tovrov ouviu a voz sonolenta de uma rapariga ou rapaz a ser calada por um adulto enquanto os passageiros se encaminhavam para os seus aposentos. Outros se seguiram, arrastando caixas e baús. Pelos grunhidos e pragas, depreendeu que a bagagem fosse pesada. A última pessoa a subir a bordo foi Federoff, que a curta subida deixara ofegante.

— Muito bem, meu caro amigo — disse alegremente, esfregando as mãos enluvadas para se aquecer. — Já está tudo. Estamos prontos?

— Partimos à sua ordem.

— Está dada. Aqui tem o resto do dinheiro. — Passou-lhe um envelope que estalava com notas novas. A seguir, de forma inesperada, envolveu o capitão num abraço de urso e beijou-o em ambas as faces. — A Mãe Rússia não poderá nunca pagar-lhe — sussurrou. — Entrou na história esta noite. — Libertou o surpreendido capitão e desceu o portaló. Após um momento, o camião afastou-se e desapareceu entre a escuridão.

O capitão ergueu o envelope até ao nariz, inalando o cheiro dos rublos novos como se fossem rosas e, a seguir, guardou o dinheiro num bolso do casaco e subiu à ponte. Foi até à cabina dos mapas por trás da casa do leme e atravessou a porta que dava acesso à sua cabina para despertar Sergei, o imediato. Disse ao jovem georgiano que acordasse a tripulação para a partida. Murmurando algo incompreensível para si próprio, o imediato desceu para cumprir as ordens.

Um punhado de destroços humanos subiu ao convés em estados variáveis de sobriedade. Tovrov observou da casa do leme enquanto os cabos foram puxados e a escada do portaló foi içada. Havia doze tripulantes ao todo, incluindo dois homens contratados no último minuto como fogueiros para o “ferro-velho”, como chamavam à casa das máquinas. O mecânico-chefe era um marinheiro competente que se mantinha com o capitão por lealdade. Manipulava a sua lata de óleo como se fosse uma varinha mágica e inspirava vida às peças de sucata que faziam mover o *Estrela*. As caldeiras tinham sido aquecidas e acumulavam vapor tão bem como seria de esperar.

Tovrov colocou as mãos sobre o leme. A campanha de comunicação com a casa das máquinas fez-se ouvir e o navio afastou-se do cais. Enquanto o *Estrela de Odessa* se distanciava lentamente do porto coberto pelo nevoeiro, aqueles que o viram benzeram-se e invocaram preces antigas para manter os demónios à distância. Parecia flutuar sobre as águas como um navio fantasma condenado a deambular pelo mundo à procura de marinheiros afogados para a sua tripulação. As luzes irradiavam um brilho velado, como fogos de santelmo dançando na armação.

O capitão manobrou o navio através do canal sinuoso e passando pelos navios que o nevoeiro ocultava com a facilidade de um golfinho usando o seu radar natural. Anos de viagens entre Odessa e Constantinopla haviam-lhe marcado a rota na memória e não precisava de recorrer a mapas ou aos marcadores do canal para saber quantas voltas do leme seriam necessárias.

Os proprietários franceses do *Estrela* tinham negligenciado intencionalmente a manutenção durante anos, esperando que uma boa tempestade enviasse o navio para o fundo, permitindo-lhes reclamar a compensação

do seguro. A ferrugem pingava de goteiras semelhantes a feridas abertas e caía sobre o casco marcado. Os mastros e guindastes estavam corroídos. O navio inclinava-se de forma quase embriagada para bombordo, onde se acumulara água por uma infiltração no casco. Os motores, gastos e há muito pedindo uma substituição, ofegavam como se sofressem de enfisema. A irrespirável nuvem negra que se erguia da única chaminé tinha o fedor de enxofre que emanasse do Hades. Como um paciente terminal que, de alguma forma, tivesse conseguido agarrar-se à vida num corpo devastado, o *Estrela* continuava a percorrer os mares muito depois de dever ter sido declarado clinicamente morto.

Tovrov sabia que era o último navio que comandaria. No entanto, esforçava-se por manter uma aparência cuidada. Engraxava os seus sapatos pretos de solas finas todas as manhãs. A camisa branca estava amarelecida, mas limpa, e tentava manter um vinco nas suas calças pretas de tecido gasto. Apenas a perícia cosmética de um embalsamador teria conseguido melhorar a aparência física do capitão. Horários longos, dieta pobre e falta de sono tinham deixado marcas. As faces cavadas tornavam ainda mais proeminente o nariz longo e marcado por veias vermelhas e a pele era cinzenta como um pergaminho.

O imediato voltou a adormecer e a tripulação recolheu aos beliches enquanto o primeiro turno de fogueiros alimentava as caldeiras com carvão. O capitão acendeu um cigarro turco potente, desencadeando uma tosse que o fez curvar-se. Quando conseguiu controlar-se, percebeu que o ar frio do mar entrava por uma porta aberta. Ergueu os olhos e viu que já não estava sozinho. Um homem enorme mantinha-se atravessado na porta, dramaticamente emoldurado pelo nevoeiro. Entrou e fechou a porta atrás de si.

— Luz — disse com uma voz de barítono que o identificava como a figura que primeiro subira a bordo.

Tovrov puxou o fio preso à lâmpada nua que se erguia sobre a sua cabeça. O homem baixou o capuz. Era alto e magro, usando num ângulo inclinado um chapéu de pêlo branco conhecido como *papakha*. Uma cicatriz pálida resultante de um duelo cortava-lhe a face direita sobre o limite da barba e tinha a pele vermelha e queimada pelo sol, com gotículas brilhantes de humidade no cabelo e barba pretos. A íris do olho esquerdo estava enevoada devido a um ferimento ou doença e o olho saudável penetrante dava-lhe uma aparência de ciclope.

A capa forrada com pêlo abriu-se, revelando um coldre de pistola no cinto, e segurava uma espingarda na mão. Uma cartucheira atravessava-lhe o peito e um sabre pendia do cinto. Vestia uma túnica cinzenta e trazia nos pés botas altas de cabedal preto. A farda e a aparência de violência contida a custo identificavam-no como um cossaco, membro da feroz casta de guer-

reiros que habitava as margens do Mar Negro. Tovrov acalmou a repulsa. Tinha havido cossacos envolvidos na morte da sua família e esforçava-se por evitar os cavaleiros belicosos que pareciam sentir-se no pico da felicidade quando inspiravam o medo.

O homem olhou em redor para a casa do leme deserta. — Sozinho?

— O imediato dorme ali atrás — respondeu Tovrov, inclinando a cabeça. — Está bêbado e não ouve nada. — Levou uma mão aos cigarros e ofereceu um.

— Sou o major Peter Yakelev — disse o homem, recusando o cigarro com um gesto. — Fará como lhe disserem, capitão Tovrov.

— Confie que estou ao seu serviço, major.

— Não confio em ninguém. — Aproximou-se e cuspiu as palavras. — Nem nos russos brancos nem nos vermelhos. Nem nos alemães nem nos britânicos. Todos estão contra nós. Até alguns cossacos se juntaram aos bolcheviques. — Olhou o capitão, procurando um lampejo de desafio. Não encontrando ameaça na expressão neutra, esticou os dedos grossos.

— Cigarro — grunhiu.

Tovrov passou-lhe o maço inteiro. O major acendeu um e sorveu o fumo como se fosse um elixir. O capitão sentia-se intrigado pelo forma de falar do major. O seu pai trabalhava como cocheiro para um proprietário rural rico e isso fizera-o familiarizar-se com a dicção culta da elite russa. Aquele homem parecia ter emergido das estepes, mas falava com uma inflexão instruída. Tovrov sabia que oficiais superiores formados na academia militar eram frequentemente escolhidos para liderar tropas cossacas.

Notou o cansaço na sua expressão abatida e a inclinação ligeira dos ombros poderosos.

— Uma viagem longa? — perguntou.

O major esboçou um sorriso sem qualquer humor. — Sim. Uma viagem longa e dura. — Soprou colunas gémeas de fumo das narinas e retirou uma pequena garrafa de vodka do casaco. Bebeu um gole e olhou em redor. — Este navio tresanda.

— O *Estrela* é uma senhora muito idosa com um óptimo coração.

— A sua senhora tresanda — insistiu o cossaco.

— Quando chegar à minha idade, aprenderá a ignorar o nariz e a aceitar o que lhe aparecer.

O major rugiu uma gargalhada e bateu com a mão nas costas de Tovrov com tanta força que este começou a tossir com pontadas dolorosas nos seus pulmões devastados. O cossaco ofereceu-lhe a garrafa e o capitão conseguiu beber um gole. Era vodka de alta qualidade, não a zurrapa a que estava habituado. O líquido ardente acalmou a tosse. Devolveu a garrafa e segurou o leme.

Yakelev guardou a garrafa. — O que lhe disse Federoff? — perguntou.

— Apenas que transportamos carga e passageiros de grande importância para a Rússia.

— Não sente curiosidade?

Tovrov encolheu os ombros. — Ouvi dizer o que se passa a oeste. Presumo que sejam burocratas fugindo dos bolcheviques com as famílias e os poucos pertences que consigam transportar.

Yakelev sorriu. — Sim, seria uma boa história.

Encorajado, Tovrov arriscou. — Se me é permitido perguntar, porque escolheram o *Estrela de Odessa*? Existirão certamente navios mais novos preparados para transportar passageiros.

— Pense, capitão — disse Yakelev com sobrançeria. — Ninguém esperar que esta velha barcaça transporte passageiros de importância. — Olhou a noite através da janela. — Quanto tempo falta para Constantinopla?

— Dois dias e duas noites se tudo correr bem.

— Certifique-se de que corre bem.

— Darei o meu melhor. Mais alguma coisa?

— Sim. Diga aos tripulantes para se manterem longe dos passageiros. Uma cozinheira irá à cozinha preparar as refeições. Ninguém lhe dirigirá a palavra. Há seis guardas, incluindo-me a mim, e estaremos permanentemente de serviço. Quem se aproximar das cabinas sem autorização será abatido. — Pousou a mão sobre o punho da pistola para conferir ênfase às palavras.

— Tratarei de informar a tripulação — disse o capitão. — Os únicos que costumam estar na ponte são o imediato e eu próprio. Chama-se Sergei.

— O bêbado?

Tovrov acenou afirmativamente. O cossaco abanou a cabeça em descredito, percorrendo a casa do leme com o olho saudável e saindo de forma tão repentina como chegara.

Tovrov olhou a porta aberta e coçou o queixo. Passageiros que trazem guardas armados não são meros burocratas, pensou. Devia transportar alguém em posição mais elevada na hierarquia, talvez até membros da corte. Mas não lhe dizia respeito, decidiu, e voltou às suas tarefas. Consultou a bússola, fixou o leme e saiu para o convés de bombordo para clarear as ideias.

O ar húmido trazia um perfume carregado de fragrâncias das terras ancestrais que rodeavam o mar. Inclinou a cabeça, esforçando-se em ouvir por sobre a vibração errática dos motores do *Estrela*. Décadas passadas no mar haviam-lhe aguçado os sentidos. Havia outro navio movendo-se por

entre o nevoeiro. Quem mais poderia ser assim tresloucado ao ponto de navegar numa noite tão terrível? Talvez fosse o efeito da vodka.

Um novo som abafou o ruído do navio. Ouvia-se música vinda dos aposentos dos passageiros. Alguém tocava uma concertina e vozes masculinas cantavam em coro. Era o hino nacional russo, “*Baje Tsaria Krani*”. “Deus Guarde o Czar.” A melancolia das vozes entristeceu-o e voltou para o interior da casa do leme, fechando a porta para não ser assombrado pela canção.

Com a chegada da aurora o nevoeiro desapareceu e o imediato, de olhos ensonados e a cambalear, aprestou-se para substituir o capitão. Tovrov transmitiu-lhe a rota a seguir e saiu para o exterior, bocejando ao sol nascente. Varreu o mar azul e acetinado com o olhar e percebeu que os seus instintos estavam certos. Um barco de pesca seguia a rota do *Estrela* em paralelo. Observou-o durante alguns minutos, encolheu os ombros e fez a ronda, avisando todos os tripulantes de que os aposentos dos oficiais estavam fora dos seus limites.

Depois de confirmar que tudo estava bem, enfiou-se na cama e dormiu vestido. O imediato tinha recebido ordens para o acordar ao primeiro sinal de algo invulgar. De qualquer forma, Tovrov, que aperfeiçoara a arte de dormir, acordou várias vezes e regressou a um sono profundo. Por volta do meio-dia, acordou de vez e foi até à cantina, onde comeu pão e queijo acompanhando os enchidos que comprara com a sua riqueza recém-adquirida. Uma mulher encorpada também lá estava, debruçada sobre o fogão e, por perto, um cossaco de aspecto duro ajudava-a, transportando as painéis fumegantes para as cabinas dos passageiros. Depois de comer, Tovrov substituiu o imediato, permitindo-lhe uma pausa para almoçar. Enquanto o dia prosseguia, o barco de pesca foi-se deixando ficar para trás, até se reduzir a um ponto no horizonte.

O *Estrela* parecia perder anos enquanto deslizava sobre a superfície reluzente do mar iluminado pelo sol. Ansioso por chegar a Constantinopla, o capitão ordenou que a velocidade fosse mantida quase no máximo, mas o navio acabou por pagar pela sua prestação arrojada. Por volta da hora do jantar, um dos motores falhou e, apesar de o imediato e do mecânico terem trabalhado sobre ele durante horas, conseguiram apenas ficar cobertos de sujidade. O capitão percebeu que os esforços eram inúteis e ordenou-lhes que prosseguissem apenas com um motor.

O major aguardava na casa do leme e rugiu como um touro ferido quando o capitão expôs o problema. Disse que chegariam a Constantinopla, mas com algum atraso. Talvez um dia adicional.

Yakelev ergueu o punho no ar e fixou o olho furioso no capitão. Tovrov esperou ser desfeito em carne para *goulash*, mas, subitamente, o major

voltou-se sobre os calcanhares e saiu disparado. O capitão suspirou de alívio e debruçou-se sobre os mapas. O navio avançava a metade da velocidade, mas, pelo menos, avançava. Rezou ao ícone de São Basílio, na parede, para que o motor aguentasse.

Yakelev estava mais calmo quando regressou. O capitão perguntou-lhe como estavam os passageiros. Estavam bem, respondeu o major, mas estariam melhor se aquele balde de ferrugem fedorento em que viajavam chegasse ao destino. O nevoeiro avançou ao fim do dia e Tovrov teve de reduzir a velocidade em alguns nós. Esperou que Yakelev dormisse e não desse por isso.

Tinha um tique mental comum aos homens que passaram toda a vida no mar, movendo os olhos de um lado para o outro, olhando a bússola e o barómetro dúzias de vezes em cada hora. Entretanto, ia também caminhando de um lado ao outro do convés para observar as condições meteorológicas e marítimas. Por volta da uma da manhã, saiu para o convés de bombordo... e começou a sentir um formigueiro no pescoço. Estavam a ser alcançados por uma embarcação. Ouviu com atenção. Aproximava-se a grande velocidade.

Tovrov era um homem simples, mas não era estúpido. Puxou o telefone que permitia a comunicação entre a ponte e as cabinas dos oficiais.

Yakelev atendeu. — O que quer? — perguntou.

— Precisamos de falar — respondeu Tovrov.

— Passarei por aí mais tarde.

— Não. É muito importante. Precisamos de falar agora.

— Muito bem. Desça aos aposentos dos passageiros. Não tenha medo — disse com um riso maldoso. — Tentaremos não lhe dar um tiro.

O capitão desligou e acordou Sergei, que tresandava a álcool. Serviu ao imediato uma chávena de café forte sem açúcar.

— Mantém a rota para sul. Volto dentro de minutos. Qualquer erro será punido com o fim da ração de vodka até chegarmos a Constantinopla.

Tovrov correu para baixo e abriu a porta com cautela, quase esperando ser recebido por uma saraivada de balas. Yakelev esperava-o. Erguia-se com as pernas afastadas e as mãos nas ancas. Havia quatro outros cossacos a dormir no chão. Um quinto estava sentado de pernas cruzadas com as costas para a porta da cabina e uma espingarda equilibrada sobre os joelhos.

Yakelev olhava-o com ar ameaçador. — Acordou-me.

— Venha comigo, por favor — pediu o capitão, voltando a sair. Desceram até ao convés principal coberto de nevoeiro e encaminharam-se para a popa. O capitão debruçou-se sobre a amurada e perscrutou com o olhar a escuridão densa que os envolvia. Ouviu durante alguns segundos, tentando bloquear o borbulhar e silvar da água.

— Há um barco a seguir-nos — disse.

Yakelev olhou-o com suspeição e ergueu a mão até ao ouvido. — Está doido. Não ouço nada além do barulho do seu estúpido navio.

— É um cossaco — ripostou Tovrov. — Percebe de cavalos?

— Claro — respondeu o major com um ronco de desprezo. — Há algum homem verdadeiro que não perceba?

— Eu não percebo, mas percebo de navios. E estamos a ser seguidos. O barco tem um pistão que falha a batida. Penso que será o barco de pesca que vi antes.

— E então? Estamos no mar. No mar há peixe.

— Não há peixe tão longe da costa. — Tornou a ouvir. — Sem dúvida. É o mesmo barco e está a aproximar-se.

O major proferiu uma torrente de pragas e bateu com a mão na amurada. — Tem de os deixar para trás.

— Impossível apenas com um motor.

A mão de Yakelev segurou o casaco de Tovrov e ergueu-o sobre a ponta dos pés.

— Não me diga que é impossível — rosou. — Levámos semanas a vir de Kiev. A temperatura era de trinta graus abaixo de zero. O vento açoitava-nos a cara como chicotes. Houve um *burin*, uma borrasca como nunca antes vi. Tinha uma *sontia* completa de cem cossacos quando parti. Estes pobres coitados são o que sobra. O resto dos meus homens ficou para trás para nos cobrir quando atravessámos as linhas alemãs. Se não fosse a ajuda dos tártaros já estaríamos todos mortos. Arranjámos forma de conseguir. Você fará o mesmo.

Tovrov esforçou-se para não tossir. — Então recomendo que mudemos de rota e apaguemos as luzes.

— Faça-o — ordenou Peter, libertando-o.

O capitão recuperou o fôlego e regressou à ponte, seguido de perto pelo major. Quando chegaram à escada que conduzia à casa do leme, surgiu no convés acima um quadrado de luz intensa. Várias pessoas saíram para a plataforma aberta. A luz vinha do interior e tinham as faces ocultas pela sombra.

— Para dentro! — gritou Yakelev.

— Viemos apanhar ar — disse uma mulher, com sotaque alemão. — Está muito abafado na cabina.

— Por favor, madame — disse o major, num tom mais delicado e implorante.

— Como queira — disse a mulher após um momento. A relutância era óbvia, mas voltou para o interior com os outros. Quando se voltou, Tovrov viu-lhe o perfil. Tinha um queixo forte e o nariz curvava-se ligeiramente na extremidade.

Um guarda saiu para fora e disse para baixo: — Não consegui impedi-los, major.

— Volta para dentro e fecha a porta antes que o resto do mundo ouça as tuas desculpas imbecis.

O guarda desapareceu e bateu com a porta atrás de si. Enquanto Tovrov olhava a plataforma vazia, os dedos do major rodearam-lhe o braço.

A sua voz era áspera e baixa. — Não viu nada, capitão.

— Aquelas pessoas...

— Nada! Por amor de Deus, homem. Não quero matá-lo.

Tovrov começou a formular uma resposta, mas as palavras não chegaram a ser pronunciadas. Sentiu uma mudança no movimento do navio e libertou o braço da mão de Yakelev. — Preciso de ir para a ponte.

— O que se passa?

— Não está ninguém ao leme. Não sente? O idiota do meu imediato deve estar bêbado.

Tovrov deixou o major para trás e subiu até à casa do leme. Com a luz da caixa de bússola, viu o leme mover-se para um lado e para o outro como se fosse movido por mãos invisíveis. Entrou e pisou algo macio. Praguejou, pensando que o imediato teria perdido os sentidos. A seguir, acendeu a luz e percebeu que se enganara.

O imediato estava deitado de bruços no convés de metal, com uma poça de sangue em redor da cabeça. A ira de Tovrov transformou-se em alarme. Ajoelhou-se junto ao jovem oficial e voltou-o. O sorriso grotesco de uma segunda boca marcava o ponto em que a garganta do pobre coitado fora cortada.

Com os olhos escancarados pelo horror, ergueu-se e afastou-se do cadáver, embatendo contra uma parede de carne sólida. Voltou-se e viu Yakelev.

— O que aconteceu? — perguntou o major.

— É horrível! Alguém matou o imediato.

Yakelev pontapeou o cadáver ensanguentado com a bota. — Quem poderá ter feito isto?

— Ninguém.

— Ninguém matou o seu imediato como um porco? Um pouco de bom senso, capitão.

Tovrov abanou a cabeça, incapaz de afastar o olhar do corpo do imediato. — Queria dizer que conheço bem a tripulação. — Fez uma pausa. — Excepto os dois homens novos.

— Que homens novos? — Os olhos de Yakelev fixaram-se sobre Tovrov como holofotes.

— Contratei-os há dois dias atrás como fogueiros. Estavam no bar

enquanto falava com Federoff e procuraram-me mais tarde em busca de trabalho. Pareciam rufias, mas precisava de tripulantes. . .

Praguejando, Yakelev puxou a pistola para fora do coldre, empurrou Tovrov para o lado e saiu porta fora, gritando ordens aos seus homens. Tovrov olhou o imediato e jurou não deixar que lhe acontecesse o mesmo sem luta. Prendeu o leme e foi para a sua cabina, girando com mãos trémulas o botão de combinação do cofre. Retirando uma *Mauser* automática de 7.63 milímetros, desembrollou o veludo macio que protegia a arma, comprada anos antes como pechincha para a eventualidade de um motim, enfiando a pistola no cinto e espreitando pela porta da cabina.

Descendo ao convés inferior, espreitou pela pequena janela circular na porta que conduzia aos aposentos dos passageiros. O corredor estava vazio. Desceu ao convés principal e avançou em frente com cautela. Iluminados pelas luzes do convés, viu os cossacos agachados junto à amurada.

Subitamente, um pequeno objecto escuro voou sobre a amurada, ressaltando uma única vez e rodando sobre o convés molhado, deixando um rasto de faíscas.

— Granada! — gritou alguém.

Movendo-se como um relâmpago, Yakelev lançou-se sobre a granada rodopiante, deslizou sobre as costas e lançou o ananás metálico borda fora. Ouviu-se uma explosão e os gritos de dor que se seguiram foram abafados quando os cossacos começaram a disparar sobre a neblina. Um dos guardas inclinou-se para fora com uma faca aguçada e cortou os cabos presos a vários ganchos metálicos. A seguir, ouviu-se o rugido de um motor, como se tivesse sido activado na máxima velocidade. Os cossacos continuaram a disparar até o barco estar fora de alcance.

O major voltou-se e ergueu a espingarda em posição de disparo. A seguir, sorriu ao reconhecer o capitão.

— É melhor guardar esse brinquedo antes que dê um tiro no pé, capitão.

Tovrov enfiou a pistola no cinto e caminhou até Yakelev. — O que aconteceu?

— Estava certo quanto a termos sido seguidos. Um barco de pesca aproximou-se e uns fulanos indelicados tentaram subir a bordo sem serem convidados. Tivemos de lhes ensinar maneiras. Um dos seus novos tripulantes fazia-lhes sinais com uma lanterna até lhe cravar uma faca no coração. — Apontou um corpo deitado no convés.

— Demos uma recepção calorosa aos seus visitantes — disse outro cossaco, sendo acompanhado pelos companheiros no riso. Os guardas ergueram o corpo e lançaram-no ao mar. O capitão estava prestes a perguntar onde estaria o outro fogueiro. Demasiado tarde.

O fogueiro desaparecido anunciou a sua presença com força mortal. Um tiro de espingarda interrompeu a alegria dos cossacos e quatro homens foram lançados ao chão como se tivessem sido atingidos por uma foice invisível. Uma bala cravou-se no peito de Yakelev, projectando-o contra a amurada. Recusou-se a cair e conseguiu reunir forças para empurrar o capitão para longe da linha de fogo. O cossaco restante deitou-se de bruços, rastejando pelo convés enquanto disparava, mas foi morto antes de conseguir escudar-se atrás de uma tomada de ar.

Enquanto o atacante desviara a sua atenção, Tovrov e o major conseguiram fugir, mas, após alguns passos, os joelhos do major cederam e o seu grande corpo caiu no convés, com a túnica ensopada de sangue. Fez um gesto ao capitão, que aproximou o ouvido da sua boca.

— Zele pela família — disse, com um sussurro húmido e gutural. — Têm de sobreviver. — Tacteu com a mão à procura do casaco de Tovrov. — Lembre-se. Sem um czar, a Rússia não poderá subsistir. — Pestanejou, espantado por estar em tal posição e emitiu uma gargalhada curta através dos lábios sangrentos. — Para o diabo com este navio... antes um cavalo... — A vida escapou dos seus olhos ferozes, o queixo ergueu-se e os dedos perderam a força.

Nesse momento, o navio foi sacudido por uma explosão tremenda. Agachando-se, Tovrov correu para a amurada e viu o barco de pesca a umas centenas de metros de distância. Um clarão brilhante projectou-se do cano de um canhão fixo e um segundo obus embateu contra o casco. O navio agitou-se com violência.

Ouviu-se um estouro seco vindo de baixo, quando os tanques de combustível se incendiaram, e o combustível flamejante projectou-se para o exterior em lençóis de chamas que se espalhavam sobre a superfície das águas. O segundo fogueiro decidiu abandonar o navio. Correu através do convés, lançou a espingarda borda fora, subiu para a amurada, saltou para a água livre de chamas e nadou em direcção ao barco de pesca. Mas subestimou a velocidade do combustível e, em segundos, foi alcançado e os seus gritos foram afogados pelo crepitar ruidoso das chamas.

Os disparos de canhão haviam desalojado o resto da tripulação dos seus abrigos. Os homens corriam em desespero para o salva-vidas no lado oposto ao das chamas. Tovrov preparava-se para segui-los quando recordou as últimas palavras de Peter. Esforçando-se por encher de ar os pulmões doentes, subiu aos aposentos dos passageiros e escancarou a porta.

Foi recebido por uma visão devastadora. Quatro raparigas adolescentes tremiam contra a parede, juntamente com a cozinheira. Uma mulher de meia-idade com olhos tristes de um azul acinzentado erguia-se à sua frente numa atitude de protecção. Tinha um nariz longo e fino, ligeiramen-

te aquilino, com um queixo firme mas delicado. Pressionava os lábios com determinação. Poderiam ser qualquer grupo de refugiados aterrorizados, mas Tovrov sabia que não eram. Vacilou ao tentar encontrar a forma adequada de tratamento.

— Madame — acabou por dizer. — Tem de vir para o salva-vidas com as crianças.

— Quem é você? — perguntou a mulher com o mesmo sotaque alemão que o capitão ouvira antes.

— Sou o capitão Tovrov. O comandante deste navio.

— Diga-me o que aconteceu. Que barulho foi aquele?

— Os seus guardas estão mortos. O navio está a ser atacado. Precisamos de o abandonar.

Olhou as raparigas e pareceu recuperar a coragem. — Capitão Tovrov, se conseguir levar-me a mim e à minha família até local seguro, será grandemente recompensado.

— Darei o meu melhor, madame.

Acenou afirmativamente. — Vá. Segui-lo-emos.

Tovrov espreitou para ver se o caminho estava livre e manteve a porta aberta para a família, levando-os a atravessar o convés para longe das chamas. O *Estrela* inclinava-se num ângulo pronunciado e tiveram de se esforçar para subir a superfície metálica escorregadia. Caíram, ajudando-se mutuamente a seguir em frente.

A tripulação amontoava-se no salva-vidas, debatendo-se com os guindastes. Assumindo o controlo, o capitão ordenou aos homens que ajudassem a família. Quando todos estavam no barco, receou que os guindastes não funcionassem com o navio naquele ângulo, mas o barco desceu, apesar de embater contra o casco inclinado.

Estavam poucos metros acima de água quando um dos homens gritou. O barco dera a volta e o canhão estava apontado directamente ao salva-vidas. Disparou e o obus cravou-se numa extremidade do bote, enchendo o ar de farpas de madeira, metal quente e fragmentos de corpos.

Tovrov estendera o braço para a rapariga mais próxima. Ainda tinha o braço em redor dela quando caiu à água gélida, chamando pelo nome da sua filha há muito desaparecida. Vendo uma escotilha de madeira flutuando por perto e avançando lentamente para não atrair a atenção dos atacantes, nadou para os destroços, arrastando atrás de si a rapariga quase inconsciente. Ajudou-a a trepar para cima da jangada improvisada, empurrou-a e a escotilha e o seu passageiro avançaram para longe das luzes do navio que se afundava, mesclando-se com a escuridão. A seguir, gelado e exausto, sem nada que o mantivesse à superfície, deixou-se afundar, levando consigo o seu sonho de uma cabana junto ao mar.